

Soma e segue . . .

Impagáveis . . .

Os nossos bolchevistas de lobos tornaram-se cordeiros. Quem nos devia de dizer que os discípulos de Lenin, outrora furibundos inimigos da democracia e de todo o movimento humanista, se haviam de metamorfosear rapidamente em pedra angular do edificio democrático, carcomido, o pobre . . . Passada a fase rabiosa, vem o bom senso . . .

No p.p. dia 20 chegou a Madrid o Marcelino Domingo, e esperando-o lá estavam os representantes do partido comunista para dar o illustre republicano e os novos consortes sejam felizes.

Momento eleitoral espanhol

Sim, senhor, foram os bolchevistas — inimigos da democracia parlamentar e da liberdade individual, os que bateram o record da propaganda eleitoral.

Esgotaram-se os pobres e esgotaram também os cofres dos sindicatos que eles controlam.

A variedade de manifestos e plardes que todos os dias apareciam nas paredes com as insígnias dos pirantes a ditadores, eram dignas de figurar num museu de costumes sociológicos.

Segundo esses manifestos, o unfo das esquerdas faria terminar com as casas imundas, os salários de fome, a crise de trabalho, . . . etc.

E pensar que estes tipos em Portugal nos acusavam de traidores e estarmos dispostos a atirar abaixo a Ditadura com os polípticos republicanos!

Poravia não veem os trabalhadores a falta de seriedade do parbolchevista?

Avia eles . . .

Na Fortaleza de S. J. Batista os bolchevistas redactaram um protesto para ser enviado á Embaixada da Alemanha, em Lisboa, a favor de Thaelman. Esse documento foi firmado por todos os presos libertários, para satisfazer os desejos dos nossos «primos»

Mais tarde os nossos companheiros redactam outro documento, des vez para enviar á Embaixada russa, em Paris, protestando pela entrega de Petrini as autoridades italianas. Instam com os bolchevistas para que firmem, recebendo como resposta, evasivas e mais evasivas.

Dignos discípulos de Lenin! Para eles a dignidade, a consciencia, o caminho recto só existem imaginariamente.

UM GRITO

A' JUVENTUDE DE PORTUGAL

A ti, juventude, que és a seiva vivificadora de que se alimenta a alma do Progresso e da Ciencia! A ti que representas a nova geração sedenta de outra vida e de outros principios éticos! A ti, que anceias outros amores e outras sendas por onde caminhar livremente, cara ao sol, sem que os teus pés sejam feridos pelos espinhos do Estado ou o teu corpo retalhado pelas vergastadas do carrasco! A ti, juventude, fazemos hoje este chamamento, certos de que aborreces a vida ta como está estafelecida por uns poucos, constituindo uma oligarquia que oprime os povos, mas sim aspiras a viver a vida puramente livre, como os povos necessitam e deseja toda a Humanidade.

Fascismo vermelho e fascismo negro

Enquanto a Rússia Vermelha entrete Petrini as autoridades italianas a republica Argentina condena os nossos camaradas Vuelle, Mahim e De Diago, a cadeia perpetua, donde se conclue que Ditadura Vermelha e Negra são gêmeas de Democracia burguesa

Os anarquistas não contamos com a beligerancia da Autoridade nem do Estado.

Elevamos, desde aqui, os nossos mais veementes protestos contra esses colossos da Tirania e aconselhamos a que desde já se inicie uma campanha pró-liberdade dos camaradas argentinos, e de protesto ante a infamante cadeia a cabo pelo governo russo.

F. A. I.

Pleno Peninsular de Regionais

Por falta de espaço limitamo-nos a publicar os acordos que no Pleno de Regionais da F.A.I. se tomaram referente á F.A.P.E., tanto mais que o Informe completo será dirigido aos grupos, dactilografado.

Por propostas das Regionais de Catalunha e Andaluzia foi resolvido abrir uma «quente» em «Tierra y Libertad» e que o C. P. contribua com uma conta mensal dos seus fundos — logo que tenha regularizados os seus ingressos — para a F.A.P.E., para que esta possa publicar regularmente «REBELIAO».

Estes foram os acordos tomados em firme, e que este

Escuta, juventude:

E' para ti este chamamento, porque tu és a potencia creadora de quem tudo há a esperar.

Dentro de ti vibra o entusiasmo dos ideais mais nobres e mais belos!

Tu és a Esperança! És o futuro! Mas é preciso que despertes! E' preciso que te des conta da realidade! E sajas igualmente o Presente!

Ante ti vive um povo que esmagado pela pata do monstro sanguinário, chamado Ditadura, cada dia mais e mais se afunda na fossa da miseria, da ignorancia e da escravatura! Esse povo abre para ti os seus braços! Para ti, também, dirigem o seu olhar, as mais exaustas e as criancinhas entristecidas, minadas pela dor e pelo pranto de tanto sofrer!

E além, por detraz das grades das lobregas cárceres, ou, ao longe, nas terras doentias de Africa e da Oceania, milhares de camaradas aguardam igualmente da tua energia a hora da Liberdade!

Escuta, juventude!

A História te disse que tu serias o «Amanha».

Decorreu já muito tempo e o «Amanha» fez-se o «resente».

A Ditadura com os seus inúmeros crimes e o seu espirito clerical e inquisidor apressou o momento de tu intervires em favor da liberdade desse povo, de cujo brio e altivez tu deves ser depositario e transmissor ás gerações futuras.

E' a ti, portanto, que cabe o dever de levar a voz da Rebeldia ao seio do mesmo povo, para que todo ele se ponha em pé.

O teu canto tem que chegar a toda a parte, inculcando energias aos débeis e virilidade aos fortes.

O teu grito tem que chamar todos os trabalhadores, tanto dos campos, como das cidades, vilas e aldeias, ás armas e proclamar a insurreição para destruir esse odioso regime, que sob o signo de um cristo de madeira carcomida, e uma virgem cheirando a prostituta, engorda um clero sifilitico e encarcera todo um povo.

Juventud! Tu és a voz vibrante que ecoando em todos os vales e indo a todos os recantos de Portugal, entrando nas escolas e nos quartéis, deve sublevar os estudantes e os soldados, para participar desse grande movimento que ha-de redimir o povo portuguez!

Tu deves ser a mensageira forte e aguerrida que deve conduzir a toda a parte o ritmo belo e altissonante da Revolução Anarquista de Portugal.

Tu representas Acção, Dinamismo, Vontade e Firmeza! A ti cabe, portanto, dar o grito de Revolta! Todo o povo, toda a península confia em ti, esperando mediante o teu heroismo, energico e consciente, consigas arrancar Portugal das garras ensanguentadas do monstro que hoje o esmaga.

A ti, juventud, pertence esse gesto de valentia e audacia! Em ti, pois, confiam todas as vítimas da Ditadura, aguardando o teu gesto libertador!

Avante, pela Revolução salvadora, pelo Comunismo libertário!

REBELIÃO

N.º 6 — 2.ª época

DEZEMBRO-JANEIRO-FEVEREIRO

1936

Portugal - campo do sadismo e do crime!

A banda de assassinos e anormais que servem a Oliveira Salazar, continua a sua obra macabra de atropelos e crimes. Já nem as mulheres escapam á sua sanha canibalesca.

Pelo simples facto de angariarem dinheiro para os nossos camaradas presos, no Barreiro e noutros pontos do país, foram detidas bastantes pessoas, entre elas algumas mulheres!

No Aljube, de Lisboa, em Peniche, etc., os nossos camaradas presos sofrem todas as classes de vechames e maus tratos.

Em Angra do Heroismo só permitem que os presos comuniquem com o exterior, sujeitando-se á prévia censura.

Muita correspondencia, encomendas postais e dinheiro, sofrem «inexplicáveis» desvios.

Trabalhadores, homens livres de Portugal! E' necessário fazer terminar para sempre com a tirania salazaresca que pretende fazer recuar um povo que anceia por mais liberdade ás penumbras da Idade Média!

Só a Rebeldia permanente e activa o pode conseguir!

Revoltemo-nos todos! Viva a Anarquia!

ANTE O MOMENTO QUE PASSA E segue a farça . . . ou tragédia

Lamentamos profundamente as dificuldades materiais da F.A.P.E., que a inibem de publicar regularmente o seu jornal, e «ipso-facto» de poder corresponder plenamente aos fins para que foi criada, e também ao momento excepcional porque atravessa a Península Ibérica. Mas lamentamo-nos ainda mais ante o facto desconsolador do isolamento a que a F.A.P.E. é votada por parte dos nossos camaradas da F.A.R.P. E' todavia mais grave esta circunstancia se pensarmos que o anarquismo portuguez vive sem manter quaisquer relações com o anarquismo espanhol, neste momento em que qualquer chispa pode desencadear a Revolução Social nesta parte da Península.

Quais os motivos de tal isolamento? As perseguições, o aumento de terror em Portugal? Cremos ser este o principal motivo. Entretanto, também cremos que algo se deve tentar para que semelhantes circunstancias terminem, ou, pelo menos, se atenuem.

Acaba de reunir-se um Pleno de Regionais que integram a F.A.I. e dele esteve ausente a F.A.R.P., quando tudo indicava a necessidade de que o anarquismo lusitano fizesse ouvir a sua voz nessa magna reunião. Acaso olvidamos as responsabilidades que contraímos todos, ante um facto insurreccional?

Acaba de reunir-se um Pleno de Regionais que integram a F.A.I. e dele esteve ausente a F.A.R.P., quando tudo indicava a necessidade de que o anarquismo lusitano fizesse ouvir a sua voz nessa magna reunião. Acaso olvidamos as responsabilidades que contraímos todos, ante um facto insurreccional?

Entendem os camaradas da F.A.P.E. que isto deve eternizar-se?

Tem, pois, a palavra a organização.

Este Secretariado cumpre com o seu dever apontando uma necessidade

quistas portuguezes?

E' grave, muito grave, a situação do anarquismo ibérico.

Todos os nossos cuidados serão poucos ante duas ameaças: fascismo negro e fascismo vermelho.

Portugal joga um papel importante no desenrolar dos acontecimentos. Poderemos, acaso, ser espectadores passivos de uma revolução em Espanha, ou assistir impávidos, a que Portugal seja campo propicio do capitalismo internacional contra a mesma?

Já pensaram bem em tudo isto os anarquistas da F.A.R.P. e das demais Regionais que integram a F.A.I.?

Porque não encarar o assunto como deve ser e procurar desde já realizar algo de positivo no sentido de aproximar-nos mais intimamente?

Se os acordos tomados no citado Pleno, relativos ao auxilio a prestar á F.A.P.E., se tornarem realidade entendíamos nós, que, por nossa conta, devíamos tentar enviar uma delegacia directa a Portugal, pois que infelizmente a nossa correspondencia jamais é respondida.

Entendem os camaradas da F.A.P.E. que isto deve eternizar-se?

Tem, pois, a palavra a organização.

Jornal da Federação dos Anarquistas Portugueses Exilados (FAPE) Aderente á Federação Anarquista Ibérica (FAI).

C. E. L.

1936

Existem quatro problemas que, a meu parecer, constituem para os anarquistas de todos os países, os problemas máximos actuais.

1.º Contribuir á revolta de todas as forças revolucionárias progressivas, sem deixar-se absorver e dominar pelos partidos mais numerosos e melhor organizados.

2.º Utilizar os organismos obreiros para demolir e construir, contendo e evitando os males e perigos do sindicalismo.

3.º Asegurar o alimento do povo sem que intervenha qualquer Poder central que, ao impor um monopólio dos artigos de primeira necessidade, se convertiria no pior ou no mais poderoso dos regimes tirânicos.

4.º Prover de armamento a todo o povo, coisa indispensável, pois se alguém (indivíduo, partido ou classe), tivesse o monopólio da força armada, chegaria por fim a ser dominador de tudo e de todos.

E. MALATESTA

cito contra a tripla hermandade Carmona-Salazar-Igreja-Católica-Apostólica-Romana.

Que pode importar a Salazar as vozes dos «maldizentes»?

Para abafar os seus protestos, se distribuirá á imprensa mercenária, do país e do estrangeiro, mais alguns milhares de escudos e, se tanto for necessário, se convidam de novo a visitar Portugal com todas as despesas pagas.

O povo trabalhador lá está para pagar tudo isso, ainda que tenha de reventar de fome.

E se o dinheiro falta, decretam-se novos impostos e novos tributos, cobertos á custa do suor dos que tudo produzem e nada teem.

Pensando assim, o «grande» Salazar propoz um novo empréstimo no valor de 500 mil contos, dinheiro que chegará abundantemente para pagar a todos aqueles que insensam o «douto chefe» e ainda para estimular a «brisa» Polícia de Informações, e á sua rede infinita de delatores, espalhados por todo o país, a denunciar e levar ao patíbulo do Santo Tribunal, todos aqueles que manifestem a sua rebeldia contra a «grande obra» do Novo Estado.

Não se pode fazer «por menos» numa república que é governada por monárquicos e beatas, e que acaba de resolver colocar obrigatoriamente nas escolas oficiais o busto do Cristo Nazareno, esse Cristo afinal sempre blasfemado, insultado e escarnecido por todos esses tartufos, que renegando a sua doutrina fazem da sua imagem

CONTRASTES...

Ao analisarmos o que se passa com respeito ás eleições, em Espanha, temos de fazer alguns comentários sobre a atitude tomada pelos comunistas deste país perante a sua aliança com os partidos burgueses.

Se é certo que pouco nos estranha a sua atitude colaboracionista com as forças do Capitalismo, porque afinal todos defendem o sistema estatal e autoritário, achamos interessante, porém, fazer ressaltar o contraste entre a atitude dos comunistas, adoptada neste momento, e a sua atitude, tempos atrás, quando negavam «todo» o colaboracionismo, com a burguesia e os «nossos vermelhos» em Portugal, expulsavam do Partido, Carlos Rates, sob o pretexto de que era colaborador de um jornal de Emprego.

Que dizem agora os comunistas portugueses, que anteriormente expulsaram a Carlos Rates, em face da atitude dos seus camaradas espanhóis?

Pelo caminho que agora segue o Partido Comunista Espanhol, confirma-se o que há muito vinhamos dizendo com referencia ao cambio operado na politica russófila, no sentido de aproximar-se aos partidos da burguesia.

Ao horror que até agora inspirava aos bolchevistas a politica capitalista, quer de direitas quer de esquerdas, succede agora, em toda a parte, a mais intensa confiantização como se pode ver em Espanha, pelo pacto feito entre bolchevistas de «foice e martelo» e Azaña, Casares Quiroga, Martínez Barrios e outros políticos, de bem triste memoria para o proletariado espanhol.

Assim se olvida um passado raivoso...

Lá diz o ditado: «Atrás de tempos, tempos vêm...

Os nossos jornais

«O Brado Libertário»

Vindo de longe e portador do grito de protesto e rebeldia de um grupo de camaradas nossos que se encontram a ferros da Ditadura, mas que pelo seu temperamento se mostram capazes de todos os sacrificios em prol do Ideal Anarquista, acabamos de receber os núms. 2 e 3 do jornal manuscrito «O Brado Libertário», que se diz «órgão dos prisioneiros».

A maneira como está confeccionado este periódico, constitue um verdadeiro «tour de force», tal a forma como está feito e as inúmeras dificuldades que devem ter enfrentado esses camaradas para apresentar um trabalho desta ordem, feito numa cárcere que é um verdadeiro antro inquisitorial, aonde todos os movimentos dos presos são constantemente espiados.

Devemos dizer que o núm. 1 de «O Brado Libertário» nos havia surpreendido pelo seu interessante aspecto e a sua matéria, os núms. 2 e 3 nos causaram verdadeiro assombro, não sabendo que mais admirar, se a beleza da letra com que estão escritos, se a harmonia e o bom gosto revelados na distribuição do original e o valor deste no sentido ideológico, aspecto combativo, a da

«O Brado Libertário», pois, por todos estes motivos constitue uma verdadeira preciosidade na imprensa libertária portuguesa e é sobretudo uma afirmativa valiosíssima de quanto pode a tenacidade, o amor e o espirito de sacrificio em prol das ideias, ao fazerem um jornal desta natureza.

Enviamos as nossas fraternais saudações aqueles camaradas e divulgaremos o mais possível «O Brado Libertário», para que a semente do ideal que o mesmo preconiza, se difunda o mais possível pela terra portuguesa e leve os trabalhadores deste país a derubar o despótico regime que condenou esses camaradas ao presidio, pelo «crime» de desejarem o Bem-Estar de toda a Humanidade.

«A Plebe»

Desde o n.º 102 que deixamos de receber este baluarte das ideias libertárias, porta-voz do movimento anarquista do Brasil.

Ainda que não tenhamos recebido noticias directas sobre os motivos da sua desaparição, tudo nos leva a crer que isso tem origem na feroz repressão levada a cabo pelo governo brasileiro, o qual, segundo as noticias publicadas pela imprensa burguesa ordenou a queima de 30.000 volumes de propaganda revolucionária em S. Paulo, sendo naturalmente atingida a importante Editorial de «A Plebe».

Eis como procedem os chamados governos democráticos e constitucionais.

DEPOIS DE BANDIDOS COBARDES!

Junto a uma carta por nós recebida de um companheiro preso no forte de S. João Batista, encontramos um papelucho escrito á máquina, sem firma, escrito, sem nenhuma dúvida, pelos janizaros que dirigem a Bastilha.

Ao citado papelucho não alteramos sequer uma virgula, e diz assim:

«Para evitar a descrição exagerada da vida dos presos neste Castelo e a narração mentirosa de factos ou coisas que se não realizaram nem se realizam porque todos os presos são tratados, talvez, como em nenhuma outras prisões do Continente, tendo assistência médica, duas vezes por semana; dentista, sempre que precisam; dietas; banhos; barbeiro... etc. é que foi resolvido a censura á sua correspondencia, e não para sabermos das coisas intimas que só nos rouba tempo. Se os presos escrevessem ás familias, como quaisquer outras pessoas, dizendo a verdade do que se passa e não fazendo propaganda das suas ideias, não era necessária a censura.

Quem quizer, pode vir aqui ver como os presos estão alojados como são alimentados e como são tratados.»

O único remédio que resta aos trabalhadores

Observando o estado actual da politica portuguesa, verifica-se que a Ditadura terá, num futuro próximo, de ceder o seu lugar a uma nova situação posto que o Novo Estado, além de nunca ter encontrado ambiente favorável á sua existencia e estar minado pelas lutas intestinas entre os seus partidários, se encontra absolutamente gasto e desacreditado pelos erros e crimes que tem produzido.

O seu desaparecimento só ha de ser motivo de contentamento para o proletariado, pelas muitas barbaridades que a Ditadura tem cometido contra os trabalhadores.

É uma consequencia lógica, sincera e natural.

Se não é possível hoje tolerarmos qualquer forma de governo por mais democrático que este se nos apresente, muito menos é admissível a existencia dos chamados regimes de Ditadura, os quais para se manterem no Poder, recorrem a todos os meios repressivos, reprimindo todos os direitos individuais e colectivos, encarcerando e assassinando a classe trabalhadora.

Mas convém ter em conta que o entusiasmo por nos vermos livres do nefando regime que hoje impera em Portugal, não deve contribuir para nos esquecermos da nossa verdadeira situação, na qualidade de vítimas do regime capitalista, regime esse que vive com todas as formas de governo, desde o mais absoluto ao mais liberal.

O fim da Ditadura não significa a queda do sistema estatal e, muito menos, do capitalismo ladravaz e expoliador. Enquanto existir o sistema capitalista, existirá sempre a Tirania e o Despotismo, subsistindo para a classe trabalhadora o mesmo problema de sempre: o problema social. E este é que tem de ser objecto de todo o nosso estudo e preferencia, para evitar cairmos no erro de sempre, confiando que segundos resolvam os nossos assuntos.

Convém acentuar que o problema de emancipar-nos não pode solucionar-se na sociedade capitalista ou noutra regime em que a riqueza social seja propriedade de uma minoria, por mais liberal y revolucionaria que esta se diga.

O problema social só pode ser resolvido quando todos os instrumentos de trabalho e todos os valores sociais — a terra, as minas, os meios de transporte, serviços de utilidade pública, etc. — sejam dos trabalhadores e sejam estes que decidam sobre a forma de produzir e consumir, de acordo com as necessidades populacionais.

Mentirá, pois, todo aquele que em nome do ideal que seja, prometa ao proletariado proporcionar-lhe a sua liberdade. Esta só poderá realizar-se mediante a consciencia individual e labor comum dos próprios trabalhadores, organizados e intelligenciados, de modo a dispensar todos os governantes, amos e intermediários.

O proletariado, pois, não deve fiar-se nas promessas dos chamados «partidos políticos», quando estes dizem que podem resolver o problema da classe trabalhadora.

A incapacidade dos governantes

sociais, é manifesta em todos os países, ainda os que se dizem mais cultos e adiantados.

• E, se de uma forma geral temos que constatar esse facto em todo o mundo, no que diz respeito a Portugal o assunto é ainda mais grave, atendendo ás péssimas circunstancias em que vivem os trabalhadores e a imoralidade a que aqui chegaram os políticos, entendidos incondicionalmente com os magnates do capitalismo.

Enquanto actuaram no Poder, os partidos políticos jamais fizeram algo que demonstrasse o desejo de melhorar a vida da classe trabalhadora.

Veja-se a miseria em que vegetam os rurais, os marítimos, os mineiros, etc., etc.

Ao contrário, quasi todos os movimentos feitos pelo proletariado no sentido de conseguir algumas melhorias, foram sufocados, presos os militantes e encerrados os sindicatos, quando não aconteceu serem fusilados os trabalhadores.

Ao cair, pois, a Ditadura, símbolo do Despotismo e da Tirania, exercidos contra a classe produtora, não pode a mesma esperar que os políticos resolvessem o seu problema.

A sua sorte continuará a ser a mesma, se no momento oportuno, os trabalhadores não se dispõem a dar mais um passo em frente.

O problema é simples e claro.

Frente á incapacidade e á imoralidade politico-burguesa, o proletariado só tem um caminho a seguir como forma de se emancipar da escravatura em que hoje vive: Fazer a Revolução Social, hoje propriamente imediata e integralmente todos os bens sociais, de que é hoje detentora a burguesia.

Eis a solução que resta aos trabalhadores portugueses, ao eliminar o inquisitorial e bárbaro regime que hoje pesa sobre os seus destinos, se de facto querem ser livres e solucionar todos os seus problemas.

Da Argentina

O movimento anarquista intensifica-se

Acaba de constituir-se a Federação Anarco-Comunista Argentina.

Do seu Comité Relacionador acabamos de receber uma longa circular e os acordos tomados no seu Congresso constitutivo.

A falta de espaço impede-nos de publicar — como era nosso desejo — parte dos citados trabalhos. Entretanto pomos em conhecimento de todos os camaradas portugueses, e especialmente da F. A. R. P., que a F. A. C. A. deseja relacionar-se com todos os organismos afins.

O seu endereço pode ser pedido a

O fim aproxima-se... e Salazar continua avançando...

As últimas noticias que até nós chegam de Portugal, confirmam-nos que um silencio sepulcral e uma imobilidade completa existem naquele extremo da Peninsula. Alguém nos escreve: «É para admirar como há ainda quem se arrisque a manter correspondencia com o exterior, ou a exercer alguma actividade...»

Tal é o ambiente em que se encontram os poucos camaradas que todavia ali contamos.

Salazar — esse sádico ditador de opereta, vendo cada dia diminuir as possibilidades de poder continuar a sua obra miserável, emprega todos os recursos dos tiranos desesperados: aumenta as violencias e sevícias a todos os elementos de quem desconfia alguma má vontade ante o seu «reinado». O seu sonho dourado é converter Portugal num imenso cemitério onde apenas, quando já o sol se tenha escondido no ocaso, possam piar lugubrememente alguns mochos, ou os morcegos executar os seus voos irregulares...

Os seus inimigos políticos aumentam sem cessar, diminuindo consideravelmente as probabiidades de continuar a sua obra ridícula e sarcástica. A miséria aumenta nos lares dos trabalhadores; a crise económica toma aspectos formidáveis. Daí o confusioismo e o desespero dos momentos difíceis... A Ditadura chegou ao vértice dos escandalos, do escamoteio, da imoralidade, do crime...

E o chefe não recua perante nada. Toma atitudes ridículas e repugnantes: os periódicos publicam a lista dos presos e condenados, e uma série de proesas praticadas pela célebre Polícia Especial. É necessário estabelecer o terror e fazer regressar ao túmulo a vaga de rebeldia que voltava a divisar-se através do país.

De momento surte efeito esta estratégia e o senhor omnipotente e omnisciente Salazar, com mais uma crise de governo resolvida, recolhe-se ao seu ministério, tranquilo e satisfeito de poder continuar na senda do despotismo, e gosar sádicamente com o sofrimento das suas vítimas.

Entretanto algo nos diz que breve chegará o momento em que teréis de liquidar contas com as vossas vítimas, contas, alias, bastante velhas algumas.

Que nesse momento todos saibamos cumprir com o nosso dever, sem pieguices nem sentimentalismos exagerados, fazendo chegar os acontecimentos até onde nos